

Resenha sobre a obra *Eficácia escolar e gestão emergente: um estudo das práticas em escolas católicas na Paraíba*

Angela Maria Rubel Fanini

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Utfpr), Curitiba/PR – Brasil

O livro *Eficácia escolar e gestão emergente: um estudo das práticas em escolas católicas na Paraíba*, do professor Aloirmar José da Silva, é fruto de pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Gestão em Organizações Emergentes (Mpgoa) da Universidade Federal da Paraíba.

Na obra, temos, primeiramente, uma necessária apresentação da contextualização da educação brasileira desde seus primórdios até chegar à atualidade, passando pelos diversos caminhos políticos e opções pedagógicas que norteiam esse âmbito. Todavia, não se incorre na inadequação de reproduzir uma visão apenas panorâmica da história da educação presente em muitos textos breves sobre o assunto.

O autor apresenta um contexto de longa duração, percorrendo o Brasil Colônia, a República Velha, a Ditadura Civil e Militar, o período de Redemocratização, chegando à atualidade, demonstrando a implantação e o fortalecimento do ensino confessional católico brasileiro. O panorama é extenso, contudo, mantém uma delimitação, ou seja, focaliza, sobretudo, o cenário das escolas confessionais católicas nesse itinerário, oferecendo ao leitor uma informação mais específica.

Essa especificidade é inserida no cenário educacional brasileiro, discutindo como essas escolas gerenciam, executam e se adaptam às políticas públicas existentes. Parte do geral para o específico, contemplando uma perspectiva acadêmica de se aprofundar no *corpus* selecionado.

Em primeiro lugar, apresenta-se esse panorama, investigando como as escolas se organizavam, atendendo ou não às demandas diversas da sociedade brasileira em termos de ensino, público-alvo, metodologia, gestão e relação com os governos. Discute também como as instituições atendiam às exigências de uma sociedade dividida em classes sociais distintas, visto que, na história nacional, o ensino confessional foi, por muito tempo, voltado para a preparação das elites, das classes abastadas que podiam pagar por sua formação.

A investigação desse corte de classe percorre toda a obra, discutindo as divergências entre escola pública e privada e a relação dessas com as políticas públicas orientadoras do processo educacional. Essa reflexão é bastante importante, pois trata da formação das elites brasileiras, mas também se debruça no estudo da emergência das classes médias, já no século XX, que adentram essas instituições. Modifica-se o perfil dos alunos e, conseqüentemente, altera-se o ensino ali disponibilizado, uma vez que novas demandas sociais surgem para atender a nova classe social. A nova ordem econômica fomenta o crescimento dessas escolas.

Outro viés abordado se concentra no contexto governamental brasileiro, detendo-se, sobretudo, na época da Ditadura Militar, procurando responder qual seu impacto nas escolas confessionais. Embora, nesse período, a censura política e ideológica tenha se acirrado, movimentos contestadores não deixaram de criticar e enfrentar os desmandos militares, inclusive, adentrando as escolas, por intermédio de docentes, discentes e dirigentes progressistas.

Esse cenário ideológico mais à esquerda entra em confronto com o governo ditatorial. A fim de reforçar seu ideário vinculado a uma perspectiva de direita, os governos, desse período, segundo o autor, passam a fomentar a abertura de escolas privadas laicas e mercadológicas voltadas para uma perspectiva de mundo neoliberal e conservadora que orientava o cenário educacional dessas escolas.

Essa discussão é bastante pertinente, pois demonstra a tensão ideológica entre humanismo e mercado que perpassava o ensino, em um momento crucial de nossa história. Seguindo essa reflexão, trazemos um breve excerto que ilustra esse período:

Diante da realidade política, a Igreja declara sua opção pelos pobres, cuja novidade, segundo Moura (2000), não está no fato de os pobres ocuparem a centralidade da ação, mas sim a Igreja abdicar do fazer pastoral para os pobres, pelos pobres e assumir a opção política de fazer com os pobres, a partir de suas realidades. (Silva, p. 39, 2017)

Desse modo, a obra vai tecendo a relação entre ensino e política, demonstrando um realinhamento do ensino confessional a partir de uma nova perspectiva que se insere na concretude das divisões econômicas de classe social.

Esse cenário não atingiu a todas as instituições de modo igual, pois gerou conflitos dentro de escolas católicas que divergiam ideologicamente entre si. Muitas escolas encerraram suas atividades, outras perduraram nas perspectivas conservadoras, reforçando os ditames do ideário do governo ditatorial e outras tomaram o rumo progressista.

Essa luta ideológica dentro do ensino demonstra a complexidade dos rumos da educação confessional que, naquele momento, se desestabilizava, ora vinculando-se ao governo, ora confrontando-o. Com isso, tinha-se que lidar com todos os desafios advindos das posições tomadas.

No campo progressista, o autor nos traz os caminhos abertos pelos movimentos libertadores como a Juventude Universitária Católica, JUC, a Juventude Estudantil Católica, JEC, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base, CEBS, cujos ideários passaram, em parte, a integrar as práticas pedagógicas das escolas confessionais. Modificava-se, assim, o cotidiano da sala de aula, reorientando perspectivas políticas e ideológicas mais vinculadas à esquerda.

Obviamente, como destaca, essa opção gerou embates com determinados estratos sociais e com o governo conservador, visto que, nas escolas confessionais, o público era de estrato material mais abonado e apresentava uma visão, não raras vezes, contrária a essas diretrizes progressistas.

Essa seção da obra é bastante ilustrativa e gera informação e reflexão para os leitores, sobretudo, para docentes voltados à educação de ensino básico e médio que exercem o magistério em escolas confessionais e precisam se inteirar desse contexto em que atuam.

Ainda acompanhando essa contextualização, chegamos a 2013, quando o papa Francisco assumiu a liderança do mundo católico e a Associação Nacional das Escolas Católicas, Anec, no II Congresso Nacional de Educação Católica, em Goiânia/GO, trouxe uma mudança de rumo com o tema: “Uma outra escola é possível” (Silva, p.45, 2017).

O autor se detém nesse período, destacando as mudanças ideológicas e pedagógicas que passam a adentrar as escolas, em decorrência desse novo

caminho, e de como os desafios se aprofundam para dirigentes e professores, que doravante terão que refundar o ideário educacional. Trazemos um trecho da obra para ilustrar a magnitude dessa reorientação:

Para Boff (2014), a eleição do papa Francisco representa a inauguração do paradigma eclesial do terceiro milênio, ou seja, a concepção da igreja em rede de comunidades, enraizadas em diferentes culturas. (...) a chegada do novo papa proporcionou uma travessia para a igreja. Do inverno eclesial à primavera, de uma fortaleza à casa aberta, (...) do palácio à hospedaria, da doutrina ao encontro, da exclusividade à inclusão, da igreja ao mundo e do mundo aos pobres. (Silva, p. 45, 2017)

A obra é bem mais abrangente do que esse breve panorama destacado nessa resenha. Ela proporciona reflexões importantes sobre a contextualização econômica, política e cultural das escolas católicas.

Os mirantes teóricos que sustentam a obra convergem em uma perspectiva progressista sobre gestão escolar. Essa é vista a partir do viés da redemocratização e, assim sendo, os sujeitos de base, professores e alunos, envolvidos diretamente no processo educacional, devem participar dos processos de gestão das escolas, reforçando-se uma perspectiva operacional horizontal.

O foco do trabalho demanda uma discussão sobre gestão escolar participativa e colegiada, liderança compartilhada, escola aberta à família, escola em parceria com outros órgãos de Estado e organizações da sociedade civil, clima organizacional, formação continuada dos docentes, representação discente, pastorais rumo a uma escola em saída para o mundo, avaliação e ensino não conteudista, resistência ao ensino competitivo e exclusivo em mérito técnico, o reforço de políticas de inclusão e o necessário respeito à diversidade. Essa discussão embasa a elaboração das entrevistas estruturadas aplicadas nas escolas.

Outro ponto importante é sobre o material didático, visto que, nas escolas católicas, geralmente, há um material único escolhido para o sistema todo. Isso apresenta vantagens e desvantagens.

Todos os docentes usam o mesmo material, e isso gera, muitas vezes, descontentamento [entre eles], pois o professor não tem a liberdade de aplicar uma avaliação mais direcionada para cada turma que bem conhece e sabe das limitações e aptidões. O material é exógeno, e o docente não pode adaptá-lo

para atender às demandas de cada turma. Isso gera um descontentamento no âmbito laboral. Há pouca margem de subjetivação do material por parte do professor.

Todavia, há vantagens no emprego do material, já que, por um lado, universaliza o conhecimento, testando o sistema cujas diretrizes todos seguem. Por outro, muitas vezes, além do que já mencionamos, oblitera os regionalismos, enfraquecendo o conhecimento das culturas locais.

A pesquisa, depois de trazer essa base teórica e histórica, passa a focar na análise dos dados coletados a partir de entrevistas com alunos, professores e gestores ocorrem em quatro instituições católicas do estado da Paraíba.

Todo esse debate sobre gestão e material didático e o dia a dia da sala de aula não permanece apenas no diálogo com renomados autores que propõem novos paradigmas libertários, horizontais e inclusivos. Vai para o empírico, ou seja, o cotidiano da escola, mediante entrevistas estruturadas com os sujeitos concretos envolvidos no processo, nas quatro instituições católicas selecionadas.

As entrevistas são produzidas a partir desse viés progressista e a investigação ocorre mediante um estudo de caso, uma vez que delimita quatro instituições de ensino básico e fundamental. As falas vão revelando o cotidiano escolar a partir dos sujeitos entrevistados que se posicionam sobre os temas debatidos na seção teórica.

Embora seja um estudo de caso, a pesquisa pode ser parcialmente generalizada, haja vista que trata de todos os níveis de ensino presentes em qualquer âmbito escolar, passando pela gestão, pela sala de aula, pelos sujeitos envolvidos diretamente e pelas relações entre escola e sociedade, incluindo a família.

Desse modo, atende a um dos critérios básicos do pensamento científico, ou seja, sair do nível de caso particular e ampliar, a fim de contribuir de modo mais generalista. Existe especificidade de cada escola revelada pelas entrevistas, mas o fazer e o acontecer da educação no seu labor cotidiano, em seus desafios e conquistas expande-se e pode ser generalizado para um universo comum a todos nós, professores e alunos.

Nas respostas coletadas e elaboradas em gráficos bastante didáticos, vemos os avanços e os gargalos, no sentido de implantar uma educação mais progressista, aberta, solidária, inclusiva e menos competitiva. Os sujeitos que fazem a escola são ouvidos, e o cotidiano do fazer educacional passa a surgir em suas falas, reclamações, sugestões, desafios, decepções e conquistas. O leitor vai tendo acesso a várias soluções e respostas dadas, além das indagações que surgem nessas vozes.

A pesquisa foca também na ação dos dirigentes; diretores também foram entrevistados. A partir da tabulação das respostas, o autor vai pontuando os desafios, os acertos, as queixas dos diretores entrevistados. No decorrer dessa seção, a gerência, a administração, a direção vão tomando sua concretude no dia a dia da escola, revelando seus impasses e desejos de mudança, cooperação, horizontalidade.

Nas falas, emerge a necessidade de não se desvincular a administração do âmbito pedagógico. É preciso que se construam pontes entre professores, alunos e dirigentes. Em vários momentos, enfatiza-se que é necessário haver uma ligação orgânica entre gestores e comunidade acadêmica, dentro e fora da escola.

Nesse sentido, destaca-se a parte administrativa enquanto “gestão aprendente”, cuja *práxis* cotidiana e ininterrupta deve estar em permanente diálogo com alunos, professores e famílias e demais sujeitos que constituem e amparam a instituição.

Essa discussão é o ponto alto da pesquisa, visto não haver ainda larga produção sobre direção e administração, sobretudo a partir dos sujeitos gestores e da premência de gestão colegiada. Atualmente, têm surgido mais investigações nesse âmbito, e essa pesquisa vem fortalecer esse contexto investigativo que questiona a gestão desvinculada do dia a dia da sala de aula.

A gestão aprendente é inovadora, se altera, se modifica, propõe novos caminhos alicerçados pelas demandas de docentes e alunos. Nos cenários universitários, a gestão colegiada já é praticada há muito tempo, entretanto, nas instituições de ensino básico e fundamental é ainda pouco fomentada.

Por esse motivo, o trabalho é relevante ao tratar da necessidade de, cada vez mais, todos os sujeitos envolvidos no processo educacional serem

copartícipes dos rumos administrativos das instituições. A visão holística da instituição pode trazer um maior comprometimento de todos os sujeitos (docentes, dirigentes e alunos). Eis o que Silva reforça em sua obra, ou seja, esse trânsito de informação e tomada de decisão conjunta e comprometida.

Acreditamos que a investigação pode trazer concreta e necessária contribuição para docentes e dirigentes que trabalham em escolas confessionais brasileiras, à medida que ali encontramos as falas, os sonhos, as dúvidas, as soluções, as sugestões e as reclamações advindas de sujeitos reais da educação brasileira.

É no dia a dia da sala de aula, do recreio, das celebrações, das pastorais, das reuniões pedagógicas, das semanas de planejamento e formação, nesse chão do conhecimento, que, nós, trabalhadores da educação, devemos ser ouvidos e compartilhar nossa caminhada com outros e outras docentes.

As escolas confessionais católicas têm acolhido muitos de nós professores, e a sua história é longa, exitosa e tortuosa também, dependendo de sua vinculação ao âmbito político e ideológico. É preciso debater os rumos, acertos e fracassos dessas instituições, a fim de que nosso universo laboral seja realmente orgânico, fonte de alegria, realização e pertencimento.

Milhares de alunos são formados por docentes engajados laboralmente nessas escolas, e urge que nossas vozes sejam ouvidas. Esta pesquisa traz essas vozes para a ribalta. Ouçamos e continuemos o diálogo necessário para o aprimoramento do ensino.

Finalizamos nossa breve resenha com uma epígrafe do Capítulo 4, em que Silva cita nosso memorável guia na área da educação, que alia teoria e prática, estudo de caso e perspectiva generalista: “A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim com a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria, tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (Freire, 1996, p.25).

O livro de Silva é uma promissora leitura para professores e futuros docentes de cursos de licenciatura, pois radiografa o dia a dia de escolas onde muitos de nós estamos e ou estaremos inseridos, importante fonte de conhecimento do universo laboral docente.

Referências

SILVA, A. J. da. *Eficácia escolar e gestão aprendente: um estudo das práticas em escolas católicas na Paraíba*. Curitiba: CRV, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.